

PELLANDA, Luís Henrique. **Na barriga do lobo**. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

ESTAMOS NA BARRIGA DO LOBO

Taciane Aparecida Couto¹

O livro *Na barriga do lobo*, quarto livro de crônicas de Luís Henrique Pellanda, cronista curitibano, publicado no ano de 2021, reúne 64 textos escritos entre os anos de 2015 a 2020, que ecoam no imaginário dos leitores como um alarme, também título da primeira crônica. Esse alarme do qual nos fala o cronista surge na cidade de Curitiba, que pode ser lida como metonímia do Brasil. Assim, o alarme que soa na capital do Paraná traduz cenas características das grandes cidades brasileiras. A ideia de alarme escreve Pellanda “você sabem, é simples [...] está na própria raiz da palavra alarme, um substantivo que nos convoca às armas, à agressividade” (PELLANDA, 2021a, p. 33).

A toada surge inicialmente dos ruídos que emergem das ruas, das interjeições de espanto, das viaturas e ambulâncias, das vozes dos desamparados que perambulam pelas ruas. E, com o tempo, descobre-se que a sirene passa a ecoar de dentro das casas, dos apartamentos, da cidade vertical, que das janelas projeta a sua indignação com palavras de ordem, imperativos simples endereçados a quem possa interessar. É como se alguém estivesse a gritar: lobo, lobo, lobo!

A crônica, gênero usualmente publicado em jornais impressos, ganhou as mídias digitais e coletâneas próprias, trazendo novamente à tona a discussão se pertence ao campo jornalístico ou ao campo literário. Dessa forma, é importante salientar que, ainda que a crônica apresente características do texto jornalístico, como, por exemplo, a brevidade e a alusão a temas do cotidiano, ela apresenta traços de poesia em sua linguagem, metaforiza um olhar crítico através da sutileza da linguagem, muitas vezes vale-se do humor, lança olhares emotivos sobre situações rotineiras, joga com a linguagem conotativa. É capaz de envolver e persuadir o leitor levando-o à fruição. Como nos lembra Antonio Candido os “traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa” (CANDIDO, 2007, p. 96).

Nas crônicas de *Na barriga do lobo*, o narrador em primeira pessoa leva o leitor a se reconhecer no texto. É então persuadido pelas emoções desse narrador-personagem, que envolve todos os seus leitores na barriga do lobo. Assim, quem aciona o alarme junto a esse

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: tacy.couto@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9669669673228120>.

narrador são os leitores da obra, pois são capazes de se reconhecerem nos tipos encontrados nas crônicas, como a senhora que está a vender mexericas na rua, o vizinho que espreita às escondidas, o casal de namoradas que se beija no parque, o homem que teme a demolição de sua casa da infância e a conseqüente perda afetiva e ainda aqueles que estão a manifestar de suas janelas.

Logo nas primeiras crônicas, percebe-se o cronista tal qual um *flâneur*, que busca na deambulação da metrópole a inspiração para suas histórias. No entanto, essa deambulação dá lugar ao homem confinado no seu prédio vestido de noiva como aponta a sua filha ao observar a “tela fachadeira, longa e branca, estendida nos fundos do edifício em obras” (PELLANDA, 2021a, p. 40). O confinamento se deve já ao fato da pandemia da Covid-19, com isso ao *flâneur* resta vaguear pelas lembranças, pelos passeios outrora feitos, pelos livros que lê e pelas notícias que o afligem. E outra vez, nas crônicas finais, surge o som do alarme agora motivado pelo constante trânsito de ambulâncias que estão a transportar os desfalecidos da pandemia junto ao som que sai das casas e que está mais carregado de tensão e de ódio pela indignação do momento que o país atravessa.

O autor reflete sobre essa Curitiba, que, lembrando as palavras do conterrâneo Dalton Trevisan, é tanto lar, cárcere, província e ao que acrescenta ser também tribunal, o que faz com grande sofisticação e sutileza ainda em crônica datada de maio de 2017, quando lembra que a paisagem sofre golpes, talvez apontando para a Operação Lava Jato, seus desdobramentos na cidade de Curitiba e para o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, ocorrido em meados de 2016.

O escritor parece preocupar-se em tecer um retrato da cidade contemporânea através da abordagem de aspectos socioeconômicos das classes que a compõem. Dessa forma, o livro em si, é marcado pela precariedade da vida frente à violência, e ao novo vírus que assusta e impede o perambular pelas cidades. E mesmo assim, por meio de um olhar poético, o leitor é convidado a perceber a natureza em meio à urbe. A contemplação do indivíduo que anda acelerado pela capital e dos lugares que marcaram a vida do cronista como a Pracinha do Amor dão lugar a contemplação do ambiente doméstico, da rotina com as filhas, mas sem esquecer o ruído do alarme que por extensão ecoou em todas as cidades.

Assim, lê-se Curitiba como síntese da sociedade brasileira e as crônicas são uma reflexão sobre o próprio tempo do qual decorrem. Ao escrever sobre sua contemporaneidade Pellanda está refletindo sobre seu tempo, o interpelando. O filósofo italiano Giorgio Agamben afirma que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...] contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 63- 64).

Mesmo estando em seu tempo, Pellanda critica-o. O contemporâneo é aquele que é verdadeiramente capaz de afastar-se do seu tempo para ver e sentir a amplitude do presente, do agora. As crônicas do livro apontam para a intencionalidade que o escritor tem de pensar

seu próprio tempo, de refletir sobre o seu cotidiano bem como o dos personagens que insere em suas crônicas, que representam o trabalhador, o sujeito da cidade.

Dessa forma, o autor indaga sobre a lógica das máximas do seu tempo, como a urbanização desenfreada, o capitalismo selvagem, a modernização industrial, a degradação do ser humano e dos relacionamentos. Assim como afirma em “A crônica da lama”, que tem pensando muito sobre o Brasil, Pellanda faz com que o leitor também reflita sobre o país que teme se transformar em um lamaçal.

Na barriga do lobo, como nos diz o próprio autor, está “qualquer um que hoje esteja se sentindo oprimido, digerido, desrespeitado, ofendido, individual ou coletivamente” (PELLANDA, 2021b, recurso online). A pergunta que fica a partir da leitura das crônicas é quando o leitor que se identifica com esses tipos, estará preparado para sair da barriga do lobo, como conseguirá se libertar e alçar voo como os papagaios da crônica “Estejam prontos” que voam por aí espalhando gritos de liberdade.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond *et al.* **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 2007. v.5, p. 89-99.

PELLANDA, Luís Henrique. *In*: LEPREVOST, Luiz Felipe; VIANA, Fabiano. Um cronista em isolamento. **Cândido jornal da biblioteca pública do Paraná**. 28 jun. 2021b. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/ENTREVISTA-Luis-Henrique-Pellanda>>. Acesso em: 23 set. 2021.